

POESIAS

The background of the cover is a photograph of a child's silhouette flying a kite. The child is standing on a grassy field, holding a string that goes up to a large, dark kite in the sky. The sky is a mix of orange, yellow, and blue, suggesting a sunset or sunrise. There are some birds flying in the distance and a tree on the right side of the frame.

A O V E N T O

ANTOLOGIA NACIONAL
VOLUME XV

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-02-22193-8

2026

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br



SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO



01	A MELODIA DO TEMPO	por <i>Acarlos Misawa</i>	PÁG. 05
02	EDUCAÇÃO: JANELA PARA O MUNDO	por <i>Adriano Rosa da Silva</i>	PÁG. 08
03	INVISÍVEL COMETA	por <i>Darlene Meleiro</i>	PÁG. 13
04	PARTIDA	por <i>Débora Camila Brasil</i>	PÁG. 15
05	MEU BRASIL ENTRE VERSOS	por <i>Débora Camila Brasil</i>	PÁG. 17
06	A MENINA QUE EU FUI	por <i>Débora Camila Brasil</i>	PÁG. 20
07	CANÇÃO DOS CINQUENTA ANOS	por <i>Franco Calvero</i>	PÁG. 23
08	DESATAR-SE	por <i>Ilka Meireles</i>	PÁG. 26
09	CONSELHO	por <i>Marília Vasconcelos Rodrigues</i>	PÁG. 28
10	ALÍVIO	por <i>Marília Vasconcelos Rodrigues</i>	PÁG. 30
11	INSTANTES... ..	por <i>Marilu F Queiroz</i>	PÁG. 32
12	A GAROTINHA DA MACELA	por <i>Mauro Kwitko</i>	PÁG. 34
13	MAR E RIO	por <i>Renata Santana dos Santos</i>	PÁG. 38
14	INTEIRA	por <i>Renata Santana dos Santos</i>	PÁG. 40
15	VOCÊ SENDO POESIA	por <i>Renata Santana dos Santos</i>	PÁG. 42
16	QUASE	por <i>Renata Santana dos Santos</i>	PÁG. 44
17	O DESCUIDO É O QUE DESMONTA	por <i>Renata Santana dos Santos</i>	PÁG. 46
18	OÁSIS	por <i>Rogério Luiz Chaves Costa</i>	PÁG. 48
19	PURIFICAÇÃO	por <i>Sellma Luanny</i>	PÁG. 50
20	CADÊ O SONO?	por <i>Sellma Luanny</i>	PÁG. 52
21	DUPLA JORNADA	por <i>Tainan Fabrício</i>	PÁG. 54
22	CALENDÁRIO	por <i>Tainan Fabrício</i>	PÁG. 57
23	ACIMA DE TUDO, O BEM	por <i>Thiago Zschornack</i>	PÁG. 59
24	AMOR QUE SE FAZ	por <i>Youssef Bouguerra</i>	PÁG. 61
25	PASSAGEIRO	por <i>Jaff Silva</i>	PÁG. 64
26	CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO		PÁG. 67



ANTOLOGIA NACIONAL

VOLUME XV

POESIAS

A O V E N T O

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

APRESENTAMOS

A MELODIA DO TEMPO

POR ACARLOS MISAWA

A Carlos Misawa é autor de 08 livros, Membro da Académie de Luminescence Française (Paris-França), da Associação Internacional de Escritores e Artistas - LITERARTE, Academia Brasileira de História e Literatura - ABHL e da Associação das Letras. Escritor apaixonado pela literatura brasileira, alma humana e seus mistérios. Traduzo em palavras a complexidade da vida, unindo sensibilidade, profundidade e propósito. Autor de seis livros e participante de mais de 45 antologias nacionais e internacionais, busco tocar, provocar reflexão e despertar consciência. Instagram @ACarlosMisawa



No ouro sereno do fim da tarde,
Antônio ouviu o silêncio cantar.
Entre páginas gastas de um livro antigo,
havia um convite escondido
para a alma recomeçar.

Cada ruga no rosto da mãe
guardava uma história de amor e espera.
Entre o perfume morno do café recém-passado
e os ecos suaves da infância distante,
a vida lhe ensinava o que não se aprende nos livros.

As lembranças dançavam como canção antiga:
risos perdidos nos corredores da memória,
olhares guardados em gavetas do coração.
Pela janela aberta, o vento entrava devagar,
entrelaçando passado e presente
num mesmo instante de eternidade.

Com a doçura de quem conhece os caminhos da fé,
a mãe pousou os olhos sobre o filho.
Seu silêncio dizia mais que palavras,
como uma prece que atravessa os anos
sem jamais perder a força.

Antônio sorriu.

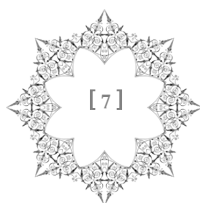
Compreendeu, então, que os dias passam
como rios que nunca deixam de seguir,
mas levam consigo sementes, afetos e aprendizados.
Nada se perde quando foi vivido com amor.

E, enquanto a luz do entardecer se recolhia,
descobriu que o tempo não era pressa nem despedida.
Era melodia.

Uma melodia feita de presença,
de mãos que acolhem,
de memórias que florescem,
de fé que sustenta os passos
quando a estrada parece incerta.

Porque viver é aprender a ouvir
a música escondida nos dias comuns.

E recomeçar, afinal,
é a mais bonita forma de poesia.



APRESENTAMOS

EDUCAÇÃO: JANELA PARA O MUNDO

POR ADRIANO ROSA DA SILVA

Adriano Rosa da Silva é Mestre e doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestrando em Educação pela Universidade de Lisboa (ULisboa). Licenciado em História e em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Especialização em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo (USP), em Neurociências Aplicadas à Aprendizagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Psicopedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Formação em Arte-Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). URL Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7228184007145445>.



Há um rio secreto correndo
por dentro de cada ser,
um rio de perguntas inquietas
que nunca deixou de nascer.

Ele atravessa florestas de sonhos,
campos de memória e dor,
leva consigo o espanto das horas
e a esperança guardada com vigor.

Não é nos livros apenas
que a verdade aprende a florescer,
ela brota quando a alma desperta
e se reconhece no viver.

Brota no canto dos pássaros,
na lágrima que insiste em cair,
na mão estendida ao estranho,
na coragem de sentir.

Somos feitos de muitas moradas:
de barro, de céu e de pão,
de estrelas que habitam o corpo,
de silêncio e imaginação.

Somos a voz dos ancestrais,
o rumor do mar e da semente,
somos a história que caminha
entre o efêmero e o permanente.

O conhecimento é um jardim
que não floresce por imposição,

ele nasce da curiosidade,
da dúvida à comprovação.

Por isso é preciso escutar
o que a vida deseja dizer:
que tudo aquilo que existe
aprendeu junto a crescer.

A árvore conversa com a chuva,
a terra dialoga com a flor,
as estrelas escrevem caminhos
na linguagem do universal amor.

Nada vive sozinho,
o vento depende das folhas,
o rio depende do mar,
e nós do que nos ajuda a sonhar.

Há parentesco entre as coisas,
mesmo onde ninguém vê,
uma secreta costura de afetos
ligando a sociedade-mundo ao ser.

Mas aprendemos a dividir:
de um lado a razão, do outro a emoção.
De um lado a matéria visível,
do outro a imaginação.

E esquecemos que o voo precisa
das duas asas em posição,
que a noite abraça o dia
na curva da mesma canção.

Somos feitos de contrastes:
de encontro e solidão.
A boca que canta o amor
conhece também a aflição.

Ainda assim seguimos.
Porque viver é desejar encontrar,
é descobrir, entre os fragmentos,
um novo modo de olhar.

É aprender que a diversidade
não ameaça a unidade,
ao contrário, lhe oferece
mais beleza e profundidade.

Por isso a educação que nasce
não ergue muros nem fronteiras;
abre janelas para o mundo,
acende horizontes e clareiras.

Ela convida cada pessoa
a tornar-se ponte e travessia,
a transformar conhecimento
em gesto, cuidado e poesia.

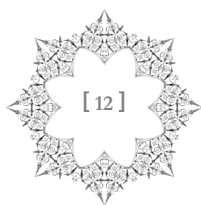
E quando o “eu” encontra o “nós”,
e o “meu” encontra o comum,
o mundo deixa de ser estranho
e passa a habitar em cada um.

Então surge, lentamente,
tecida de participação,
uma humanidade mais ampla,

redesenhada por fraterna união.

E se o futuro permanece
envolto em névoa e indecisão,
que permaneça também acesa
a chama da transformação.

E a educação, assim, será o lugar
de quem escolhe a conexão,
onde aprender será tocar o mundo
com a ternura do coração.



APRESENTAMOS

INVISÍVEL COMETA

POR DARLENE MELEIRO

Darlene Meleiro é aposentada do Banco do Brasil e escreve poesia, crônicas e microcontos por descobrir que as palavras dizem o que a vida nem sempre consegue explicar. Publica semanalmente em seu Substack textos que transitam entre memória, afeto, perda e reinvenção. Participou da antologia Tecendo Poemas e integra a seleção dos 100 semifinalistas do I Prêmio Internacional de Poesia Lura. Atualmente, organiza os escritos para seu primeiro livro autoral.



Esta pedra que fez
desabar catedrais inteiras,
senti seu peso invernal
repousar em minha mão
e a lancei com a força
que meus músculos desconhecem.

No deserto de destroços,
procurei-a.
Terá virado pó
entre meus dedos?

Ou seguiu, invisível cometa,
atravessando vidraças distantes
que nem sei que existem?

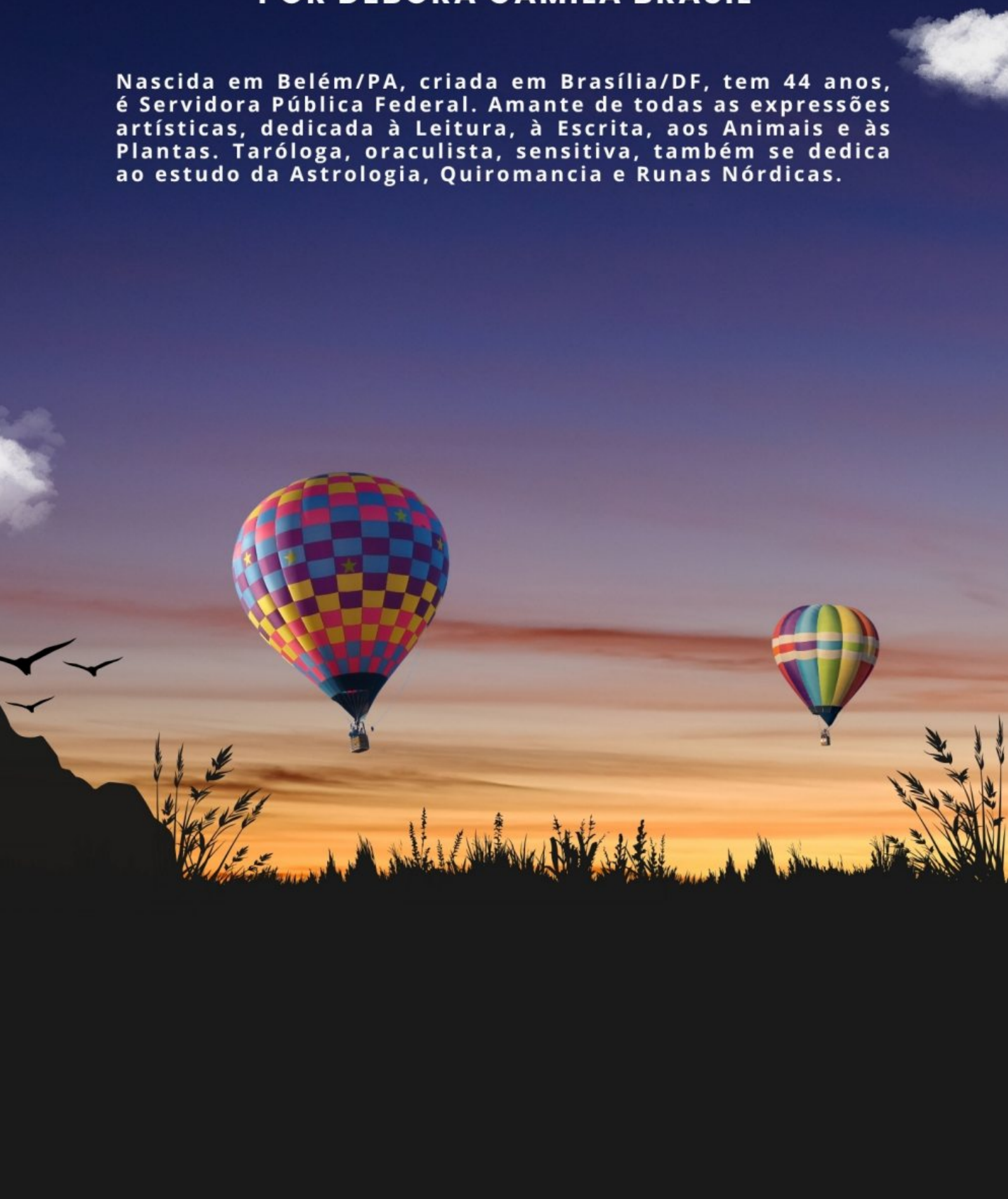
Me corrói a dúvida:
eu, que fui o arco
que a lançou,
quantos espelhos
ainda sangram estilhaços
pelo rastro
que não consigo ver?



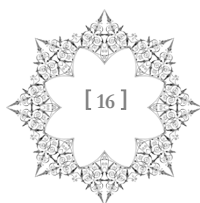
APRESENTAMOS

PARTIDA **POR DÉBORA CAMILA BRASIL**

Nascida em Belém/PA, criada em Brasília/DF, tem 44 anos, é Servidora Pública Federal. Amante de todas as expressões artísticas, dedicada à Leitura, à Escrita, aos Animais e às Plantas. Taróloga, oraculista, sensitiva, também se dedica ao estudo da Astrologia, Quiromancia e Runas Nórdicas.



E se eu deixasse aquela estação,
Levando apenas o coração e a solidão?
Seriam os sentimentos em torpor
Capazes de suavizar minha dor?
Belas seriam as paisagens pelo caminho,
Mas cega é a visão sem o teu carinho.
A solidão, calada, me acompanha,
Longa e silenciosa é a estrada que se entranha.
E se eu escolhesse, então, ficar,
Guardando só o amor e a razão,
Doce e amarga contradição,
Seria o teu colo o meu lugar?
Ah, são tantas as indagações
Na mente turva de quem ama...
Busco respostas, sensações,
Tento escapar dessa trama.
Mas quanto mais eu tento ir,
Mais forte insiste o sentir:
Percebo, enfim, sem disfarce,
Que nesse trem já embarquei.
Você ficou na plataforma
E eu, perdida em mim,
Finjo que ainda sei voltar.

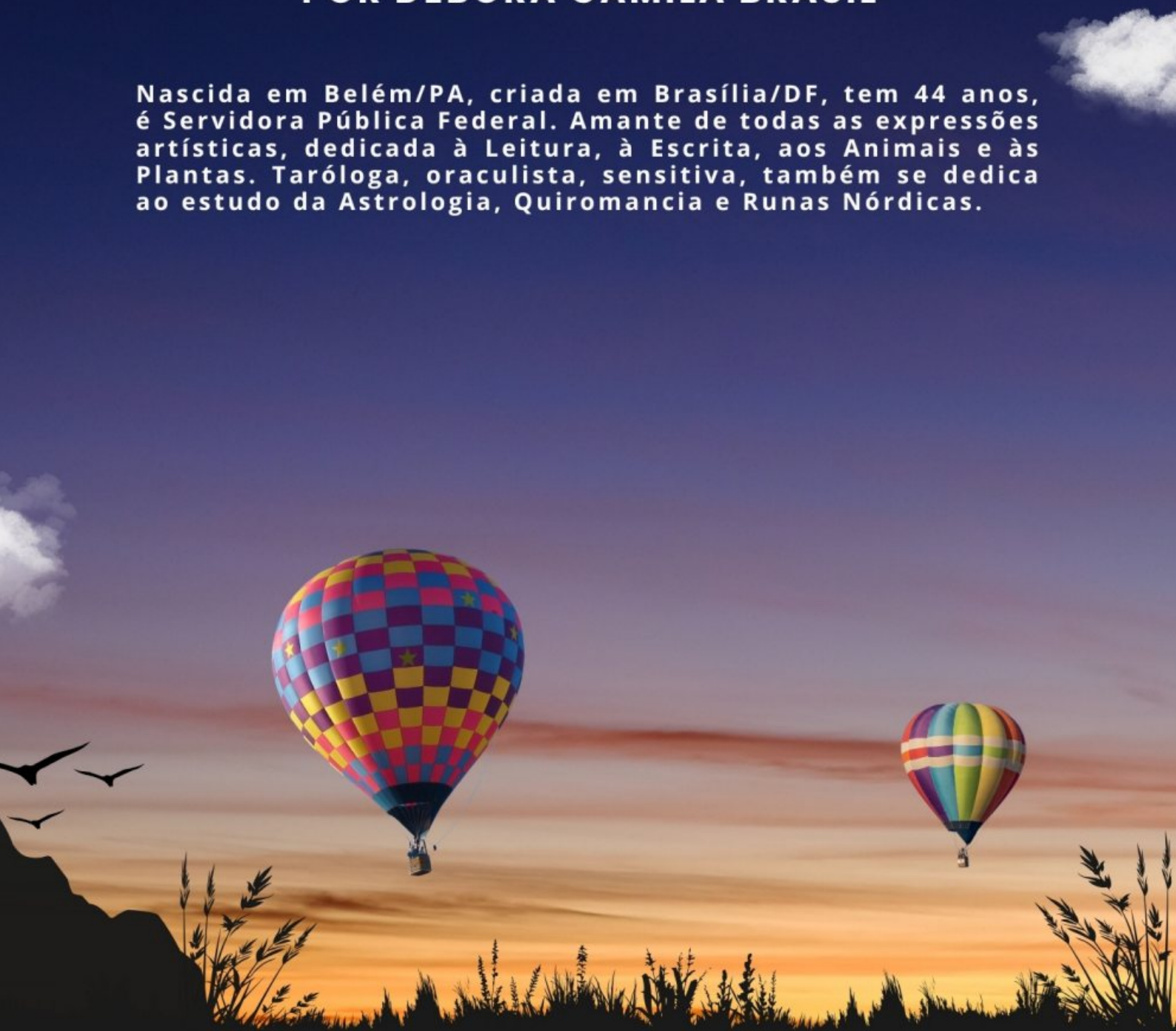


APRESENTAMOS

MEU BRASIL ENTRE VERSOS

POR DÉBORA CAMILA BRASIL

Nascida em Belém/PA, criada em Brasília/DF, tem 44 anos, é Servidora Pública Federal. Amante de todas as expressões artísticas, dedicada à Leitura, à Escrita, aos Animais e às Plantas. Taróloga, oraculista, sensitiva, também se dedica ao estudo da Astrologia, Quiromancia e Runas Nórdicas.



Literatura, minha querida, que me salva da vida,
Mas não me poupa da ferida exposta e sentida.
Literatura, minha amada, em ti faço morada;
Tuas palavras são lâmpadas, não apenas jornada.

Quanto mais leio, mais me ponho a pensar
Tanta gente sofrendo em busca de pão,
Vivendo à margem, doído lamento,
De quem não tem casa, mas tem sentimento.

Abrigo e consolo?
Denúncia ardente,
Grito que ecoa no peito dessa gente.
Na estrada da vida, tão dura e desigual,
Os versos revelam o que fingem ser normal.

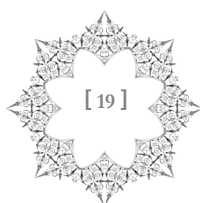
Entre linhas sangram verdades do Brasil,
De Machado de Assis, ironia sutil,
Às páginas cruas de Carolina Maria de Jesus, real,
Onde a fome tem nome, rosto e quintal.

No sertão grita Guimarães Rosa profundo,
Linguagem que rasga o mapa do mundo.
E no verso inquieto de Carlos Drummond de Andrade,
Há pedra no caminho, é a pedra da verdade.

Há tanto que escondem, tanto por dizer,
Histórias de um povo que insiste em viver.
O que não sei, talvez me doa encarar,
Mas, quando leio, eu sinto:
Esse cenário, um dia, há de mudar.

Literatura, não és fuga ou ilusão,
És espelho incômodo da contradição;
És casa, és trincheira, és voz que traduz:
O peso da sombra e a urgência da luz.

Um dia, essa fome que mata a minha gente,
Há de ficar só na memória do meu povo inocente,
Que entre versos e lágrimas mudará sua trajetória,
Tornando-se autor da sua própria história.



APRESENTAMOS

A MENINA QUE EU FUI **POR DÉBORA CAMILA BRASIL**

Nascida em Belém/PA, criada em Brasília/DF, tem 44 anos, é Servidora Pública Federal. Amante de todas as expressões artísticas, dedicada à Leitura, à Escrita, aos Animais e às Plantas. Taróloga, oraculista, sensitiva, também se dedica ao estudo da Astrologia, Quiromancia e Runas Nórdicas.



Saudade do café com leite da vó,
do pão quentinho na mesa,
do cheiro de lavanda no quintal
misturado ao perfume da natureza.

Quanta leveza!

Eu corria descalça pela casa,
sem saber, ainda bem,
que o tempo leva as pessoas que amamos
para um lugar de onde ninguém vem.

Na varanda, os livrinhos e gibis,
mundos inteiros na palma da mão.

Moleca de joelho machucado,
mas inteira de imaginação.

Os planetas? Eu sabia todos.

E quando um nome me escapava, eu criava.

Falava com nuvem, pedra e flor,
e o universo me escutava.

A tarde parecia infinita,
o rádio baixinho na cozinha,
e a voz da vó chamando meu nome
tinha gosto de casa...

Que saudade da vizinha!

Hoje essa saudade chega mansa,
feito chuva fina no telhado.

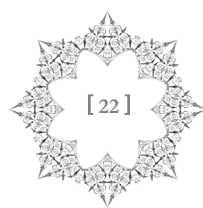
Abro a memória devagarinho
como quem abre um retrato guardado.

O tempo passou sem pedir licença,
levou a infância pela mão.

Mas deixou acesa, em algum canto,
essa menina no meu coração.

E, às vezes, quando a noite silencia,
eu quase consigo escutar

os passos da vovó pela casa
e o meu riso antigo no ar.



APRESENTAMOS
**CANÇÃO DOS CINQUENTA
ANOS**
POR FRANCO CALVERO

Uma mente inquieta em busca de si.



Hoje, você é um cinquentenário.
Reflexo de suas experiências,
Guardadas em um relicário.
As marcas do tempo o atordoam .
As paixões de outrora voam.

Você não quer mais mudar o mundo.
Apenas sobrevive incólume a tudo.
Caminhando anonimamente em meio à multidão.
Sente-se incompreendido, mas age como um ator.
Afinal, que mundo é este em que não se escrevem mais cartas de amor?

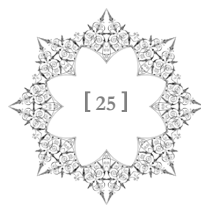
Fugacidade...
Superficialidade...
Imediatidade...
São presentes em uma era em que você tem de se curvar,
A tua inconformidade jamais irá prosperar.

Não é momento para rendição !
O mundo é hostil sim, levante-se e siga em frente,
Faça a sua parte, sendo um bom cidadão.
Nunca foi fácil a vida para um sonhador.

Sua imagem refletida no espelho não é mais a de um jovem belo,
Seu olhar perdeu intensidade...
É a sina da idade.
Contudo; seu coração resplandece de mocidade!
És resiliente, característica de um ferido combatente.

Passaram os anos, você chegou a meio século.
Conquistou, perdeu, sentiu, lamentou e comemorou!
Levante um brinde a si mesmo!

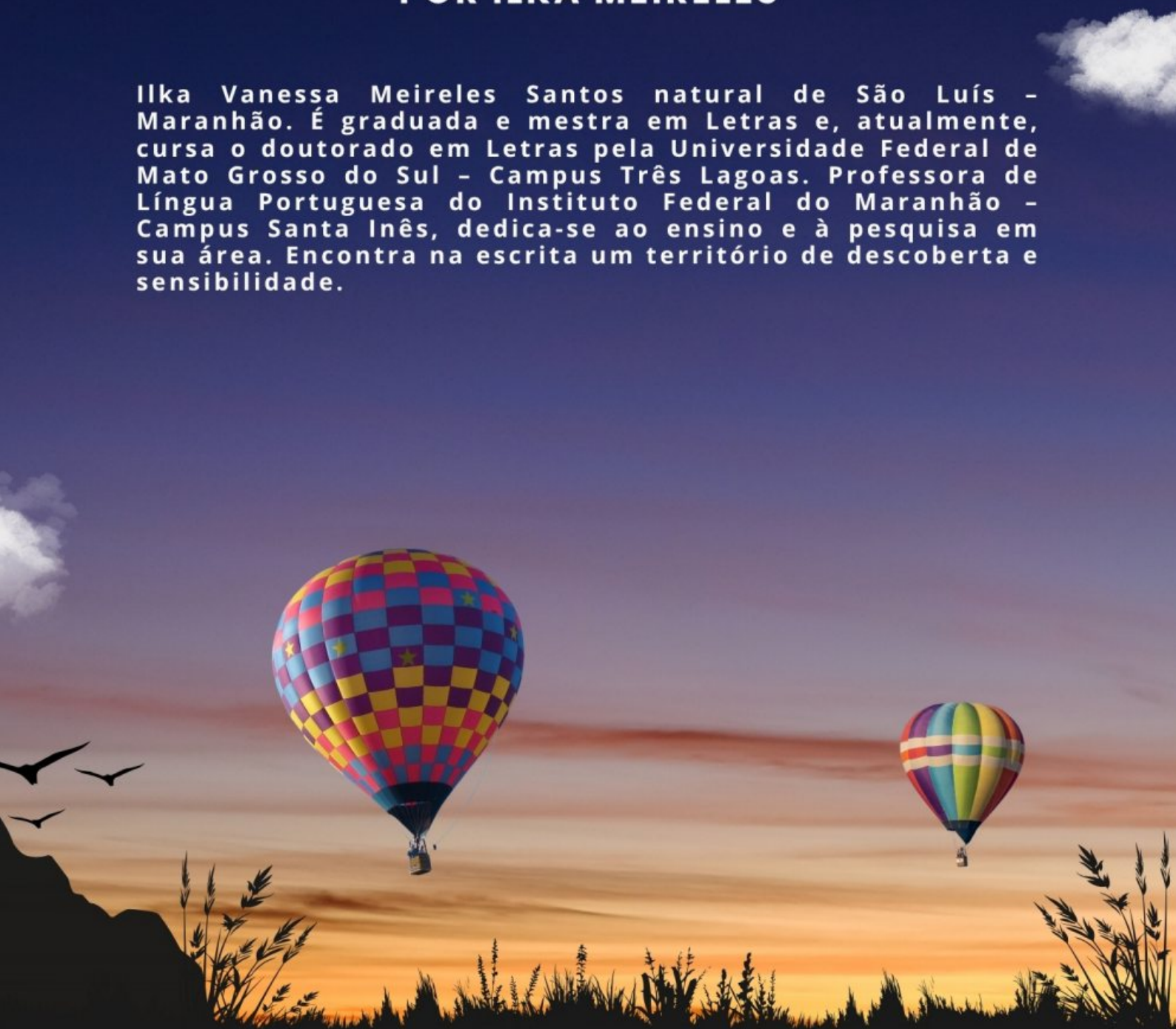
Seu coração ainda pulsa.
E a mente a girar.



APRESENTAMOS

DESATAR-SE POR ILKA MEIRELES

Ilka Vanessa Meireles Santos natural de São Luís - Maranhão. É graduada e mestra em Letras e, atualmente, cursa o doutorado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus Três Lagoas. Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal do Maranhão - Campus Santa Inês, dedica-se ao ensino e à pesquisa em sua área. Encontra na escrita um território de descoberta e sensibilidade.



Num mundo que exige tanto,
feito de distração e servidão,
eu só quero calma,
voltar para mim mesma.

Eu quero mudar.
De vida,
de personalidade.

Quero ser outra —
ou melhor,
eu mesma.

Quero ser livre,
sem amarras,
sem regras,
sem máscaras, pois
o tempo urge.

Preciso ser eu.
Não há mais tempo,
não há mais desculpas.
Só me resta coragem.
Quero deixar no chão
tudo aquilo
que nunca fui.

Desato-me, enfim,
para descobrir
minhas asas.

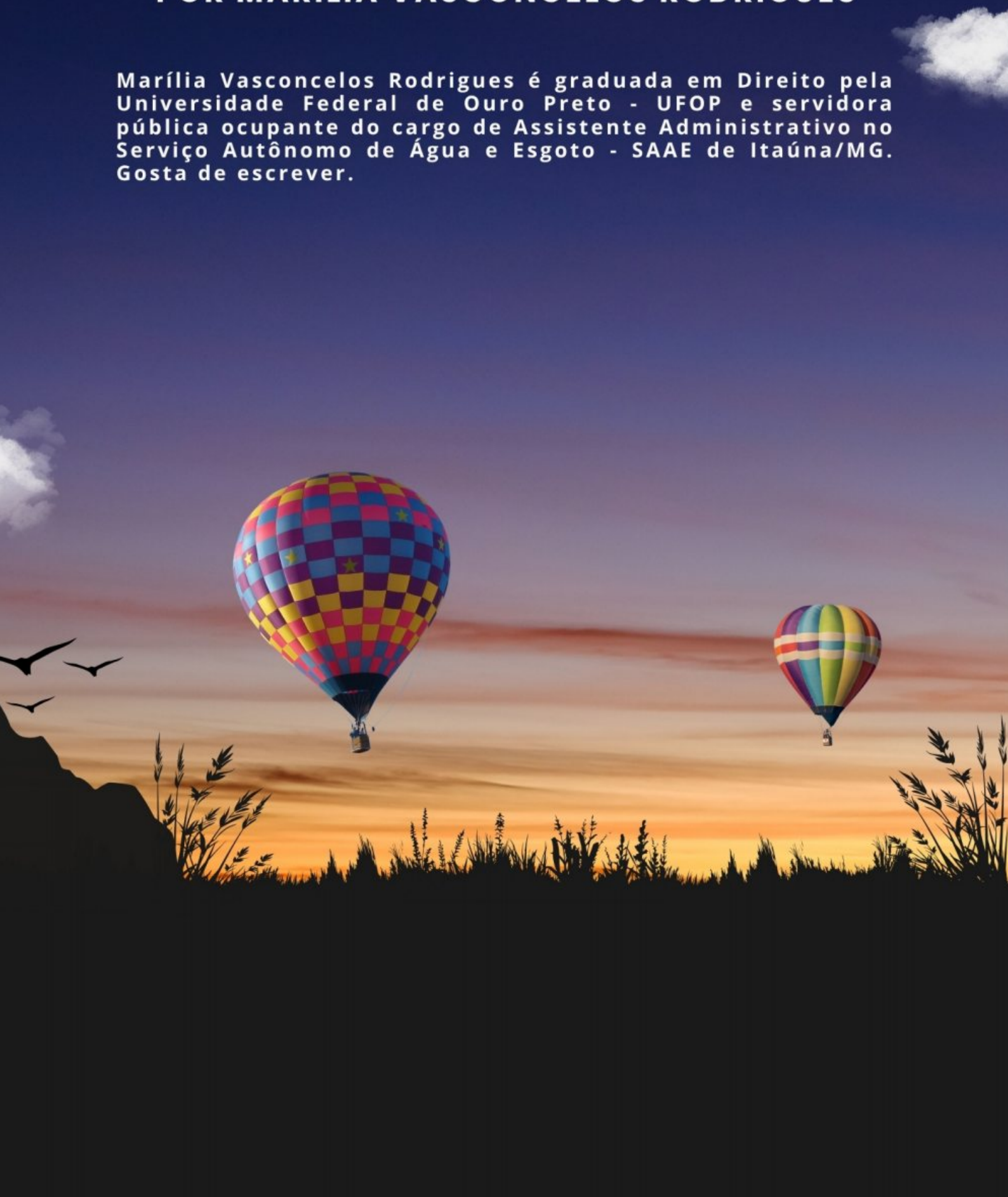


APRESENTAMOS

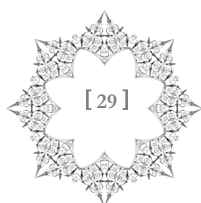
CONSELHO

POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES

Marília Vasconcelos Rodrigues é graduada em Direito pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP e servidora pública ocupante do cargo de Assistente Administrativo no Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE de Itaúna/MG. Gosta de escrever.



Em um lugar bem distante
dentro de mim
encontrei o inimigo do meu inimigo
que disse assim:
Siga comigo!
Siga adiante!
E deixe de lado
este desentendimento antigo.
Cuidado!
O seu mais algoz inimigo
mora aqui também.
Deixe de cultivar seus amargos pensamentos.
Não reviva maus momentos.
Viva e ouça o que lhe faz bem.

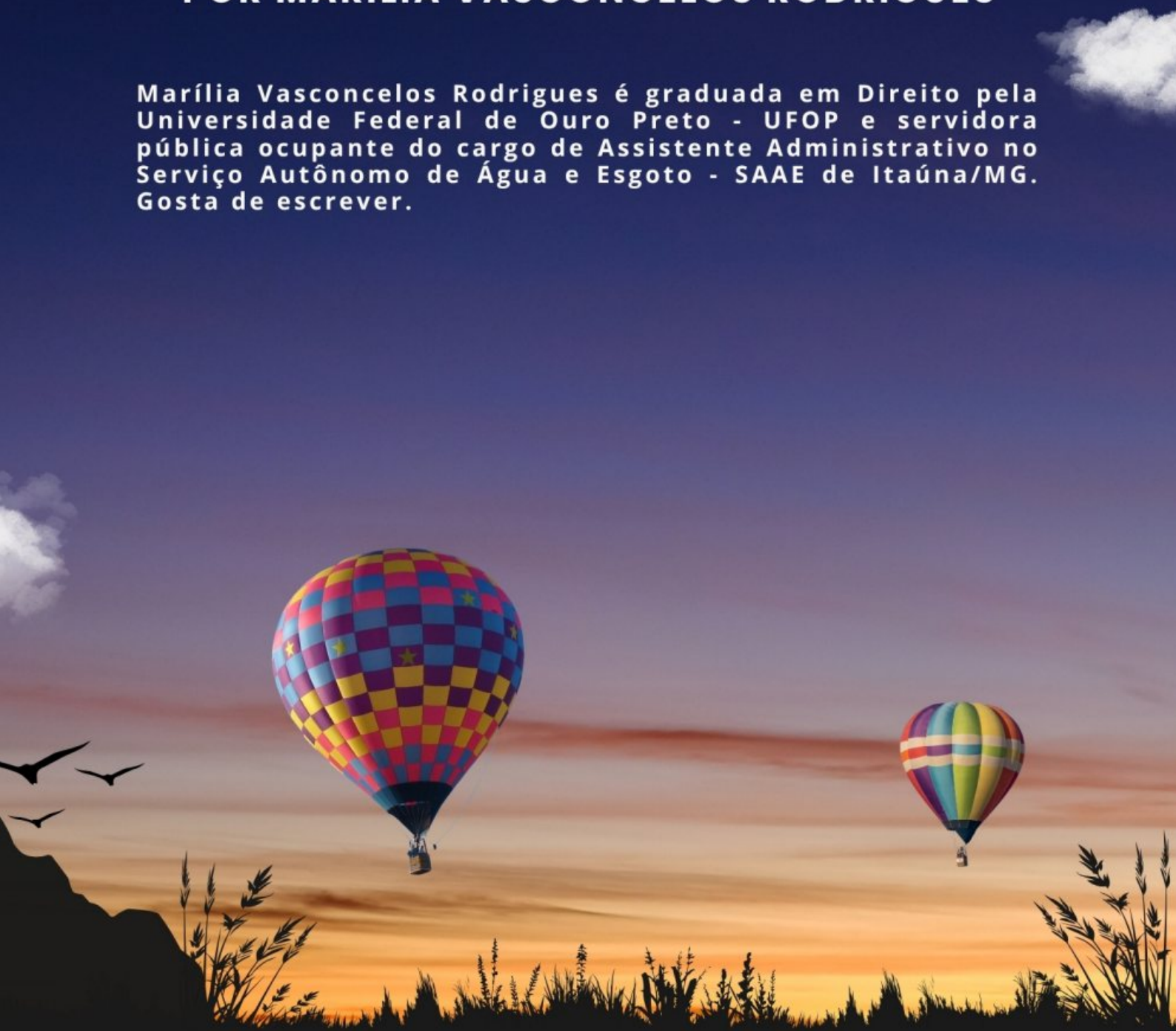


APRESENTAMOS

ALÍVIO

POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES

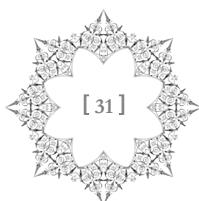
Marília Vasconcelos Rodrigues é graduada em Direito pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP e servidora pública ocupante do cargo de Assistente Administrativo no Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE de Itaúna/MG. Gosta de escrever.



Secou as lágrimas
do rio de lástimas.
Remédio para a dor –
cuidado e amor.

Apascentou o coração
e retirou com a mão
o peso do dorso.
Descansou o osso.

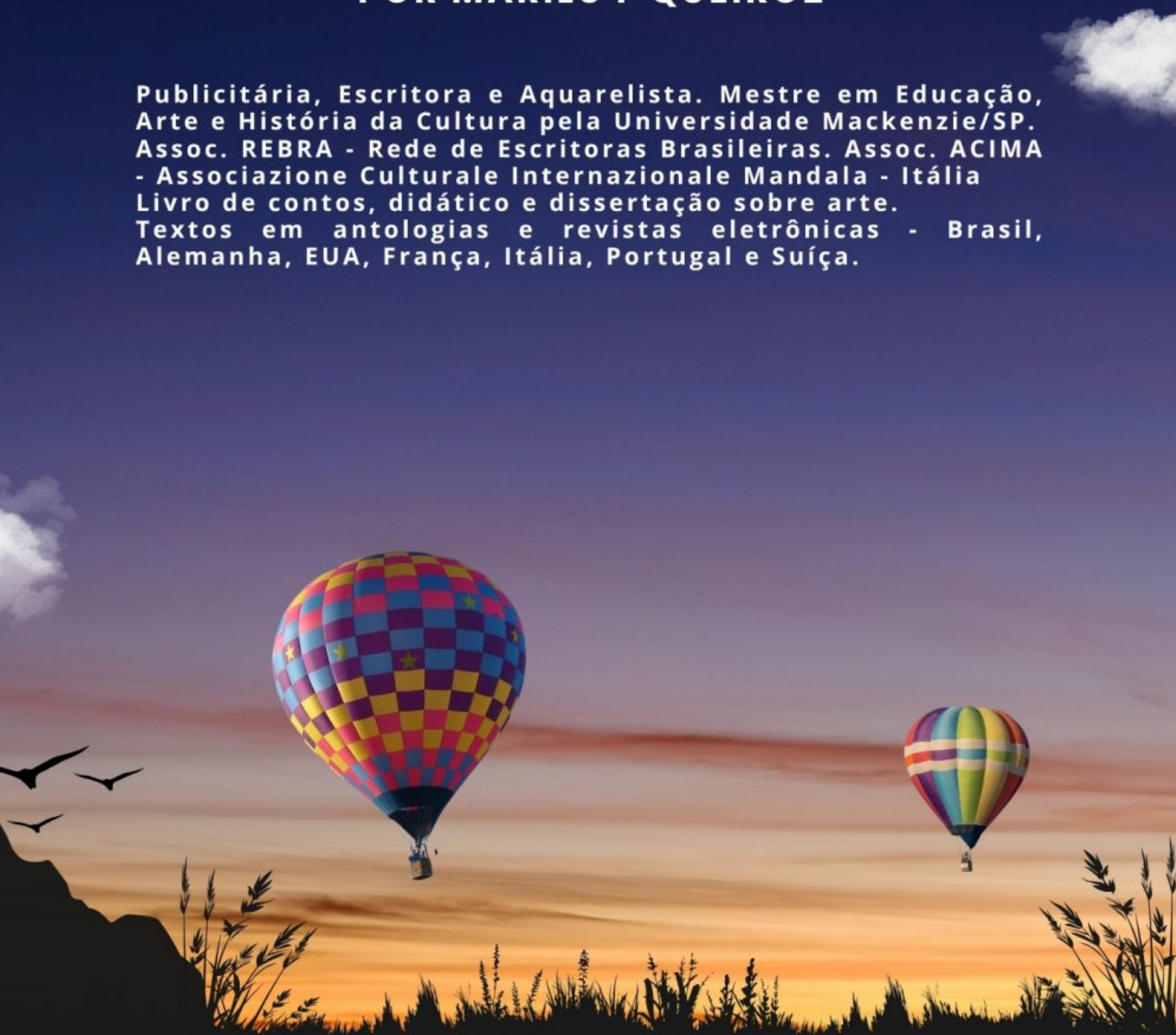
Repousou corpo e alma
na atmosfera calma
do bálsamo que trata
a doença que mata.



APRESENTAMOS

INSTANTES... **POR MARILU F QUEIROZ**

Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP. Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Assoc. ACIMA - Associazione Culturale Internazionale Mandala - Itália
Livro de contos, didático e dissertação sobre arte.
Textos em antologias e revistas eletrônicas - Brasil, Alemanha, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.



Cada instante, um instante...
Sinais do tempo, que não se apagam.
Do que já se foi, o que é passado,
das alegrias sem fim que sonhei.

Cada instante, um instante...
Da satisfação desmedida,
do registro de memórias
retidas, contidas na razão.

Cada instante, um instante...
De paixões comedidas, sentidas,
medo de expor, dar vazão
ao que se quer, sem querer.

Se cada instante é um instante...
O que seria de nossa percepção,
do que se foi, sem volta, fantasias...
Doces sonhos e perdidas emoções!



APRESENTAMOS

A GAROTINHA DA MACELA

POR MAURO KWITKO

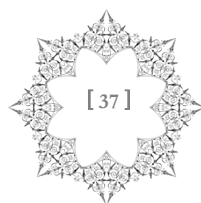
Mauro Kwitko é médico, formado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1971. É fundador e presidente da Associação Brasileira de Psicoterapia Reencarnacionista. É escritor, autor de 23 livros editados, entre eles: "E Putin reencarnou ucraniano!", "A Terapia da Reforma Íntima", "Doutor, eu ouço vozes! - doença mental ou mediunidade?", "Autismo e Reencarnação", "Como matar o pensamento suicida", "Baixa autoestima - uma visão reencarnacionista", "20 Casos de Regressão", "Como evoluir espiritualmente em um mundo de drogas", "Jovens Guerreiros e Guerreiras da Luz", "A Arte de Adoçar os Olhos", "A fascinante vida de Mirta Kassov" e outros.



Todo mundo que tem carro conhece
aquelas coisinhas miúdas
que nos infernizam os dias
nas sinaleiras fechadas,
a gente já meio neurótico,
com as orelhas
e o humor em frangalhos...
Pois hoje à tarde uma delas,
uma garotinha loirinha,
oferecia macela em raminhos
para o motorista à frente
e eu cuidava curioso
pelo resultado previsto,
enquanto o motorista, indeciso,
procurava recusar-lhe sorrindo,
inventando uma desculpa qualquer.
Mas algum trocado lhe desse,
que a macela era apenas um pretexto,
abrisse a carteira e tirasse
um ou dois do dinheiro
que hoje se chama real
e ela teria a impressão, passageira,
de ter cumprido um dever.
Mas ele recusou
e ela veio em minha direção
e preocupado com meu destino,
que realmente não seria agradável,
repeti a velha desculpa:
“Não, obrigado, eu já tenho.”
E ela, insistindo, pedia
que levasse um raminho comigo,
que era bom pro estômago,

e pro fígado,
e nem sabia que procuro
não comer nada pesado ou fritura,
e continuei recusando, que eu já tinha, eu já tinha, eu já tinha,
até que ela então, desabafando, me disse:
“Ah, também, todo mundo tem macela!”
E com aquilo desmontou-me por inteiro, aos pedaços,
e abrindo a carteira ligeiro,
que o sinal já ameaçava amarelo,
tirei um pequeno dinheiro
e dei-lhe sorrindo
dando-me então por satisfeito.
Sem macela.
E como última tentativa,
ela correu ligeirinho
e ofereceu o raminho
ao motorista traseiro,
que para não fugir da rotina,
falou-lhe decerto
que já tinha
macela suficiente em casa
pra baldes e baldes de chá
pra todos os gases e cólicas,
tanto presentes como futuras.
E isso tudo eu via
pelo espelhinho retrovisor lateral,
e como última visão,
antes de dirigir-me ao destino,
vi a garotinha da macela,
loirinha, a coisa mais linda,
retornando à segurança da calçada,
chorando e fazendo beicinho,
e que dos seus olhos corriam

as lágrimas iniciais de uma vida
destinada sem dúvida
a tantas e tantas mais.
E, sinaleira aberta,
as buzinas dos apressados clamando,
não pude fazer
o que me dava vontade,
que era descer daquele maldito carro,
comprar-lhe todos os raminhos
e dar um beijo fraterno
naquele rostinho tão lindo,
de uma garotinha loirinha
que poderia estar num Colégio,
num shopping,
ou quem sabe numa piscina
ou numa aula de Inglês,
mas que, ao contrário,
passava o dia inteiro
numa sinaleira fechada
oferecendo o que ninguém queria,
porque todo mundo já tinha, Ah, também!
E só o que tenho em consolo
é que me arrependo bem fundo
de ter-lhe recusado conforto,
comprado a macela
e sorrido,
que não custa nada
a gente fazer essas coisas.
Então por que
não desci e fiz o que agora me culpo?
Garotinha da macela,
— que merda! —
desculpe a gente.

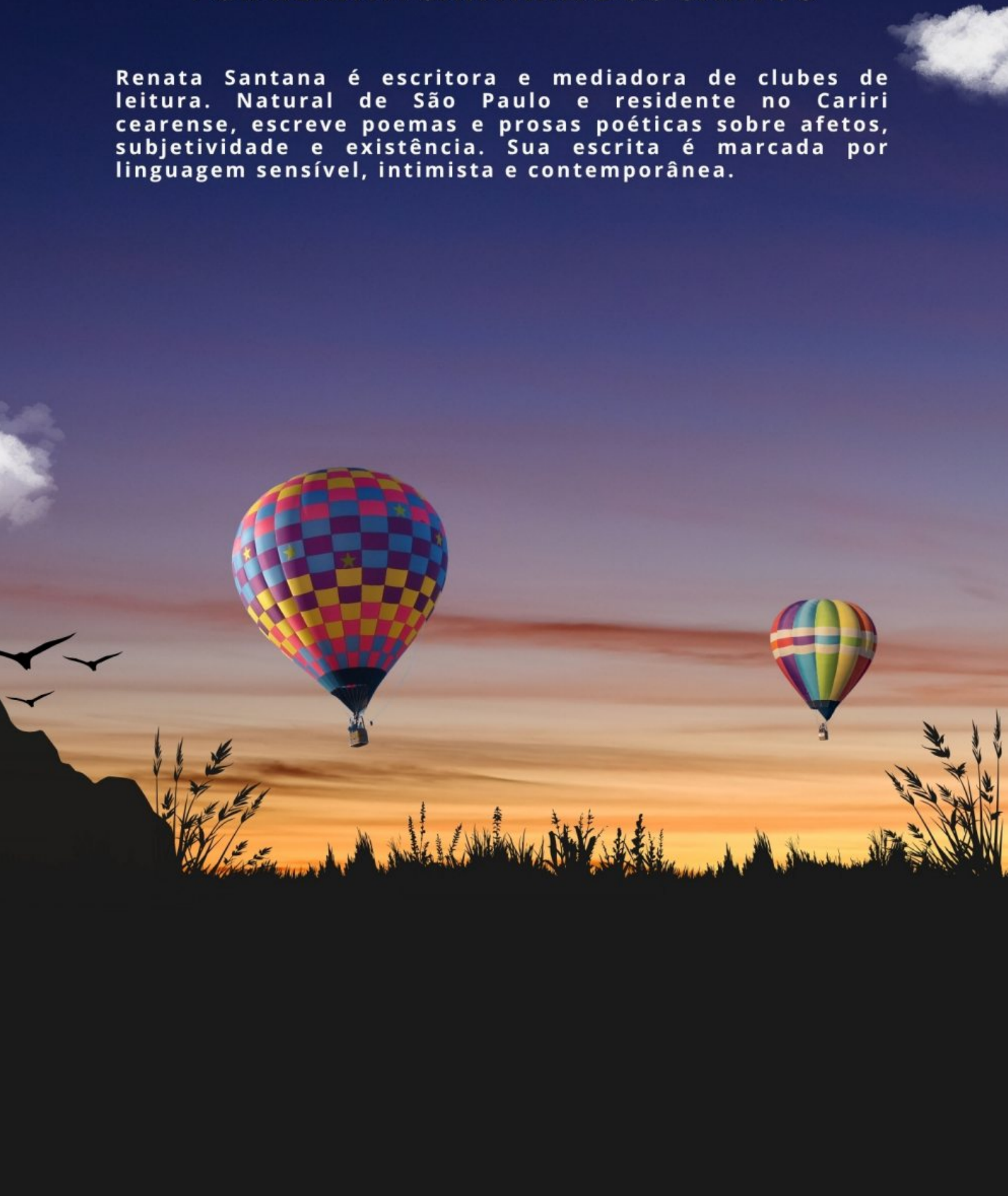


APRESENTAMOS

MAR E RIO

POR RENATA SANTANA DOS SANTOS

Renata Santana é escritora e mediadora de clubes de leitura. Natural de São Paulo e residente no Cariri cearense, escreve poemas e prosas poéticas sobre afetos, subjetividade e existência. Sua escrita é marcada por linguagem sensível, intimista e contemporânea.



Lembra das nossas primeiras conversas? Em uma delas,
naquela forma leve de ir se conhecendo, veio a pergunta:

— Mar ou rio?

Você disse rio.

E isso faz todo sentido
quando penso em você: calma,
sabedoria, leveza, renovação, acolhimento.

Eu respondi mar. E cá estou:

um turbilhão,
caótico como as ondas. Intensa.

Falo incansavelmente. Escrevo minuciosamente. Sinto em abundância.
Penso freneticamente, aceleradamente.

E me pergunto:

isso te assustou ou te atraiu?

Você deseja

que minhas águas transbordem para o rio que habita em você?

Você está disposto a mergulhar

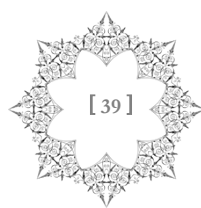
no oceano profundo que eu sou?

Você atravessa

ou permanece na margem?

Se a resposta for encontro, saiba:

posso, às vezes,
aquietar minhas marés — sem deixar
de ser mar.

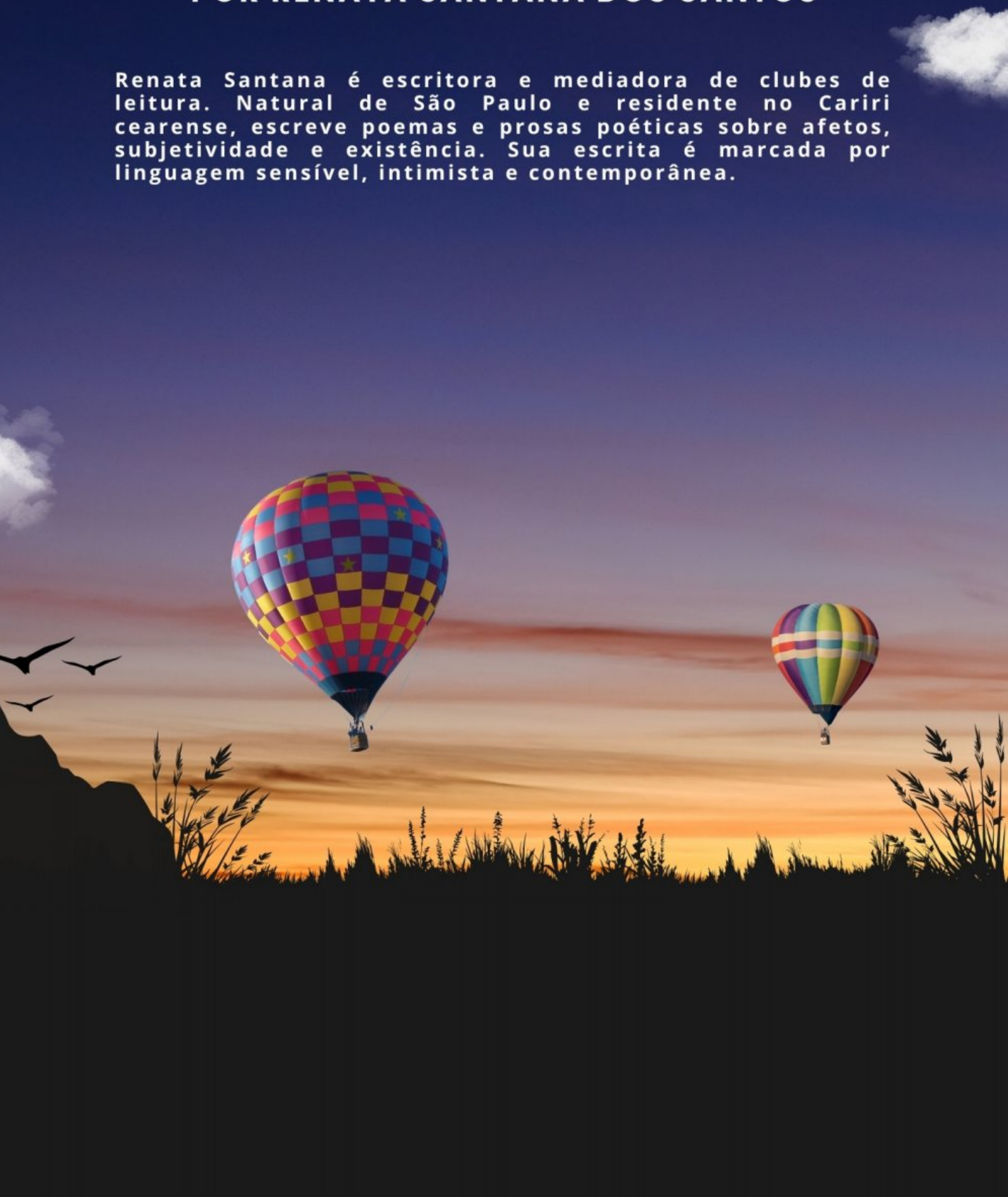


APRESENTAMOS

INTEIRA

POR RENATA SANTANA DOS SANTOS

Renata Santana é escritora e mediadora de clubes de leitura. Natural de São Paulo e residente no Cariri cearense, escreve poemas e prosas poéticas sobre afetos, subjetividade e existência. Sua escrita é marcada por linguagem sensível, intimista e contemporânea.



As velhas formas de sentir. Os antigos modos de fugir.

Se o afeto assustar,
se o carinho for motivo de hesitar, eu não vou me desculpar.
Não vou me diminuir. Não vou me modificar.

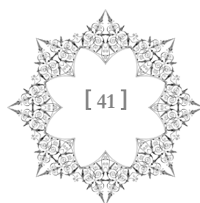
Manterei minha cabeça erguida, meu coração inteiro, transbordando.

E seguirei
ao encontro do que é profundo, do que é coragem,
do que é inteiro, do que é leve
e expansivo.

O silêncio ensurdecador chegou aos poucos. Primeiro como estranheza.
Depois como pergunta. Depois como resposta.

Eu era vulnerável contigo.
Nossa relação sempre foi muito leve para mim, então estranhei tudo simplesmente parar
de forma tão abrupta.

Mas aprendi:
o silêncio também fala.
E às vezes,
é a única resposta
que o outro consegue dar.

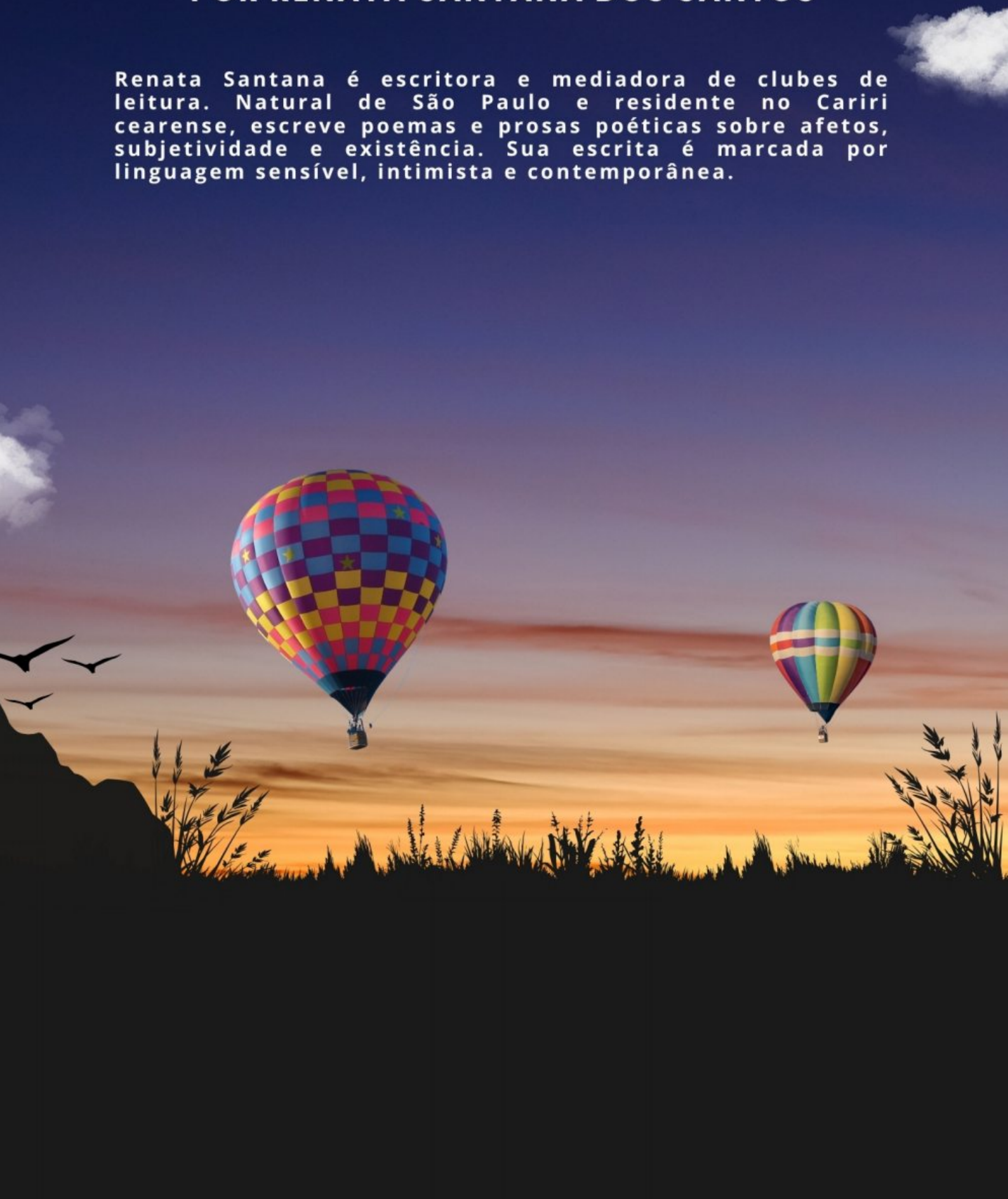


APRESENTAMOS

VOCÊ SENDO POESIA

POR RENATA SANTANA DOS SANTOS

Renata Santana é escritora e mediadora de clubes de leitura. Natural de São Paulo e residente no Cariri cearense, escreve poemas e prosas poéticas sobre afetos, subjetividade e existência. Sua escrita é marcada por linguagem sensível, intimista e contemporânea.



Quero que você seja motivo de poemas doces. Daqueles leves,
quase sorriso,
quase riso escapando no meio do verso.

Quero escrever você como quem guarda coisas boas —
calor de tarde tranquila, histórias que a gente conta rindo depois,
memórias que ficam sem esforço.

Quero que você seja poema de amor, mas também de riso, de aconchego,
de tudo aquilo
que faz a vida parecer
mais bonita do que o normal.

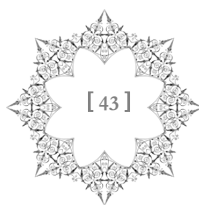
Porque, com você, a vida presta —
e presta muito.

E é tão bom saber disso.
É tão bom amar e ter lembranças que aquecem
só de existir.

Então fica. Fica sendo essa coisa boa

que me atravessa e vira palavra.

Fica sendo poesia nas minhas linhas — e também
nos meus dias.



APRESENTAMOS

QUASE

POR RENATA SANTANA DOS SANTOS

Renata Santana é escritora e mediadora de clubes de leitura. Natural de São Paulo e residente no Cariri cearense, escreve poemas e prosas poéticas sobre afetos, subjetividade e existência. Sua escrita é marcada por linguagem sensível, intimista e contemporânea.



Eu não quero
que sejamos um quase.

Um quase encontro a sós, porque você parece fugir.

Não quero
que seja apenas projeção. Um quase beijo.

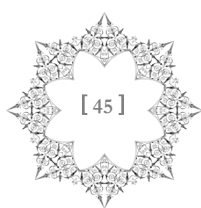
Um quase namoro. Quases encontros, quases momentos, quase conversas, quase abraços, quase convívios, quase uma história.

O quase carrega consigo a infelicidade dos "se"
que nunca se concretizam.

E é nesse nunca acontecer que a ilusão mora.

Porque ali
não há decepção. Não há dor.
Não há o cinza.

Mas também não há vida.



APRESENTAMOS

O DESCUIDO É O QUE DESMONTA

POR RENATA SANTANA DOS SANTOS

Renata Santana é escritora e mediadora de clubes de leitura. Natural de São Paulo e residente no Cariri cearense, escreve poemas e prosas poéticas sobre afetos, subjetividade e existência. Sua escrita é marcada por linguagem sensível, intimista e contemporânea.



O descuido desmonta o que há
e até o que nunca houve.

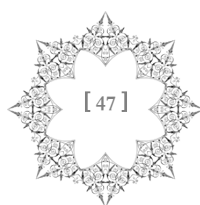
É no desprazer,
na falta de admiração, que tudo evapora.

Você foi
uma manhã bonita.
Mas os dias ficaram acinzentados e, aos poucos,
tua saudade também se desfez.

Porque não há como compreender alguém que não quis permanecer quando as borboletas
começavam a anunciar flores no jardim.

Alguém que some, que se afasta
levando consigo o afeto.

E então a gente aprende: é preciso ir embora
dos lugares sombrios onde nem a luz consegue se aproximar.

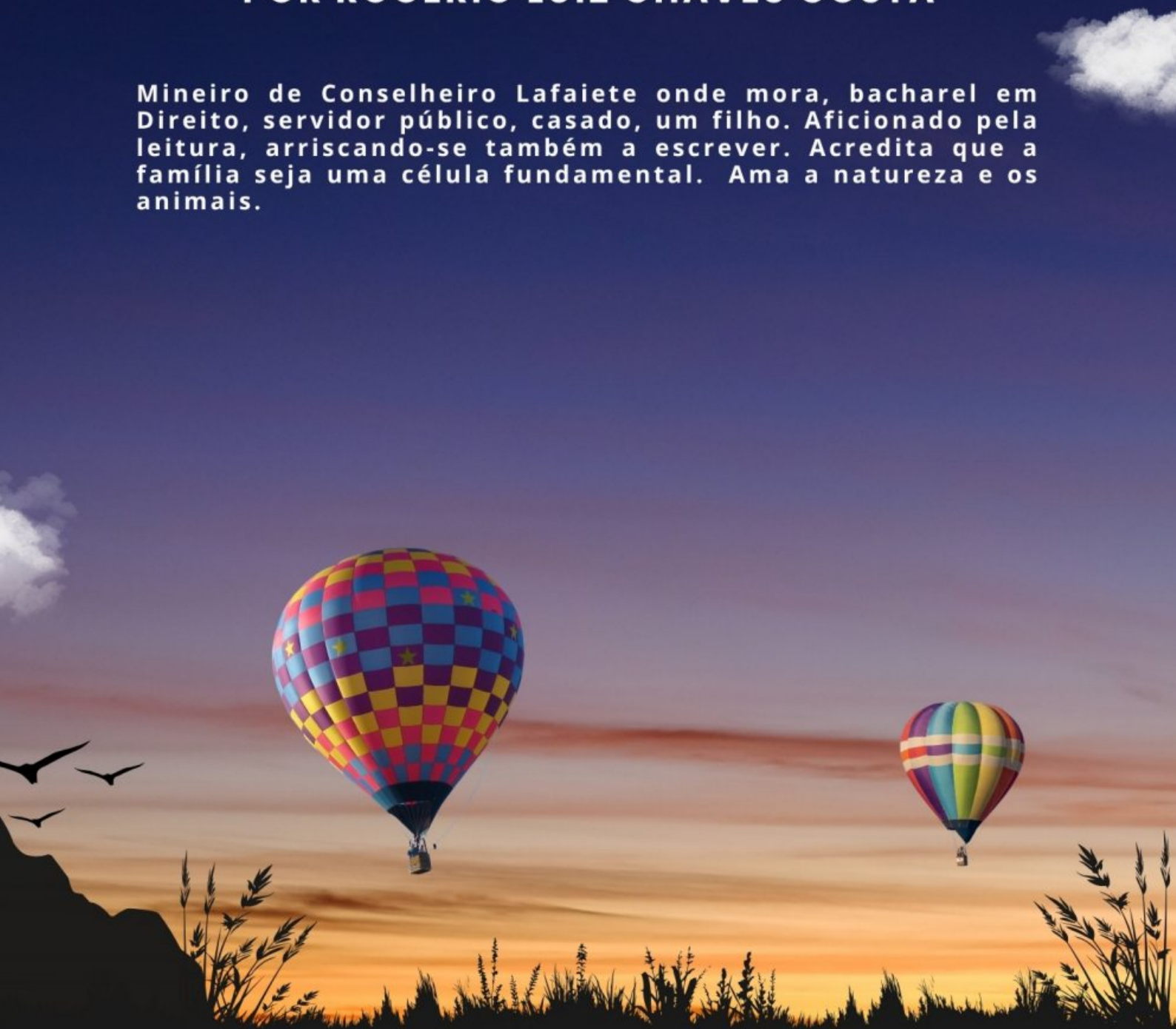


APRESENTAMOS

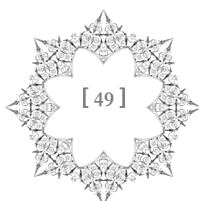
OÁSIS

POR ROGÉRIO LUIZ CHAVES COSTA

Mineiro de Conselheiro Lafaiete onde mora, bacharel em Direito, servidor público, casado, um filho. Aficionado pela leitura, arriscando-se também a escrever. Acredita que a família seja uma célula fundamental. Ama a natureza e os animais.



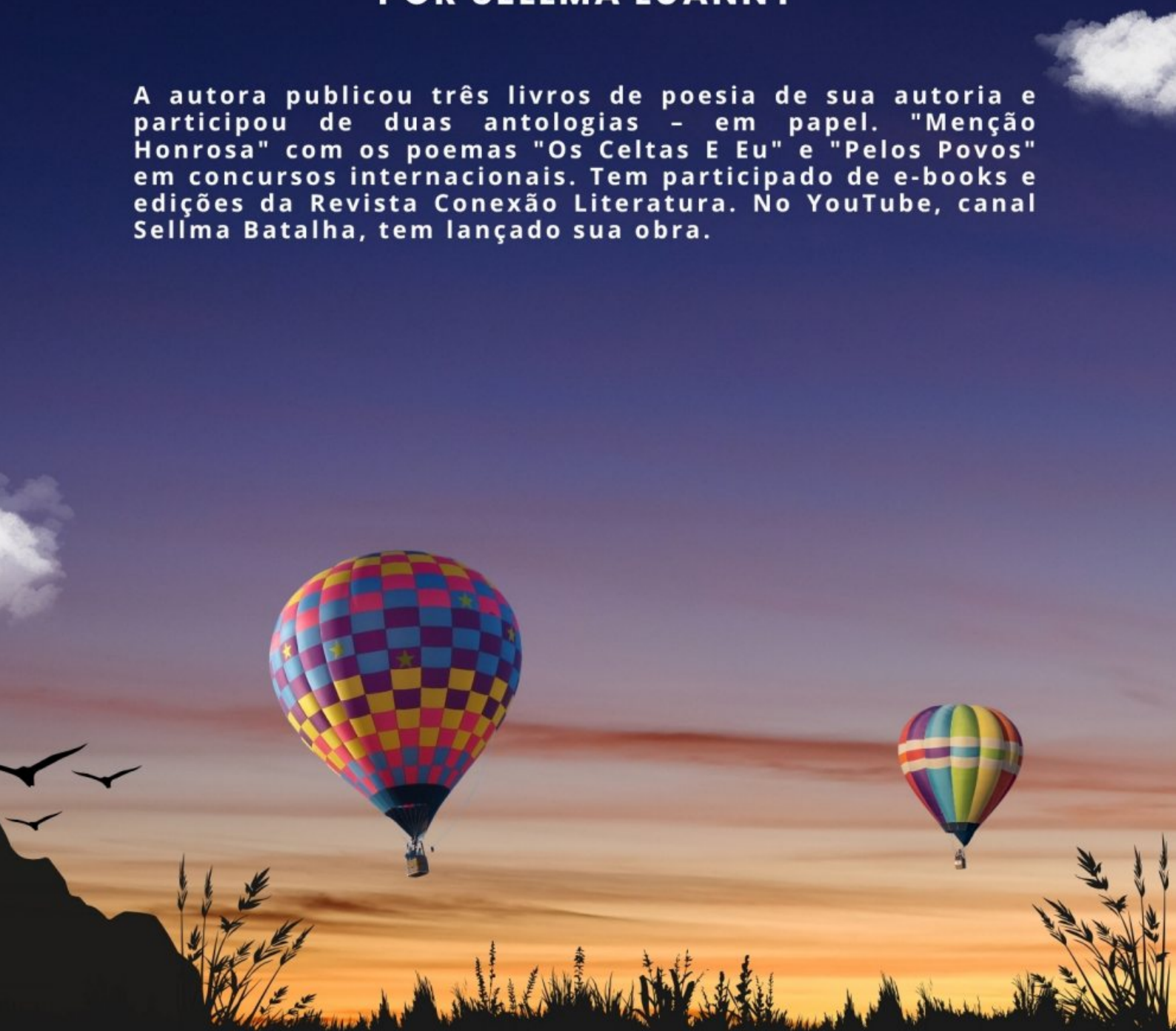
Um pé de jabuticaba
Imponente, carregadinho de frutos
Maduros,
Sombreado os pássaros em algazarra
E também dando pouso a maritacas,
Sanhaços, papa-capins...
Mais outros tantos pássaros
E insetos.
E eu observando,
Agradecendo a Deus
Por ter essa natureza pura
Aqui, na minha horta.
Lá fora o quarteirão,
Onde tem um incessante vai e vem
De veículos e pessoas.
Aqui, este pé de jabuticaba
É um oásis
Para mim e as criaturas
De Deus.
As frutas estão caindo de
Maduras,
Doces como o mel
E as aves e insetos sabem disso.
Dividem comigo esses frutos
Essa sombra
Nesta tarde aprazível.
Ah, é muito bom ter
Esse canto aqui em casa.
Ouso dizer encantante
E encantado.



APRESENTAMOS

PURIFICAÇÃO POR SELMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.



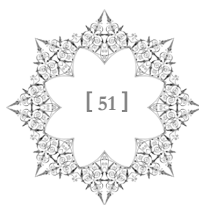
Precisei cozer-me
em fogo alto
para tentar extrair da mistura,
algo que me sustentasse.

Precisei polir-me
nas ranhuras dos caminhos
para da pedra bruta,
tirar algum brilho.

Precisei, no meu inferno interior,
queimar-me para resultar
não numa fina e bela porcelana,
mas numa resistente e rústica
cerâmica.

Precisei expurgar-me
em punitivas e solitárias horas
para poder resgatar
as reminiscências do então, menino
a suplicar um beijo àquela tola menina.

E, nas noites do meu triste outono,
renascer precisei,
para saber-me viva e real.
Mas, ainda uma tola
me encontrei.

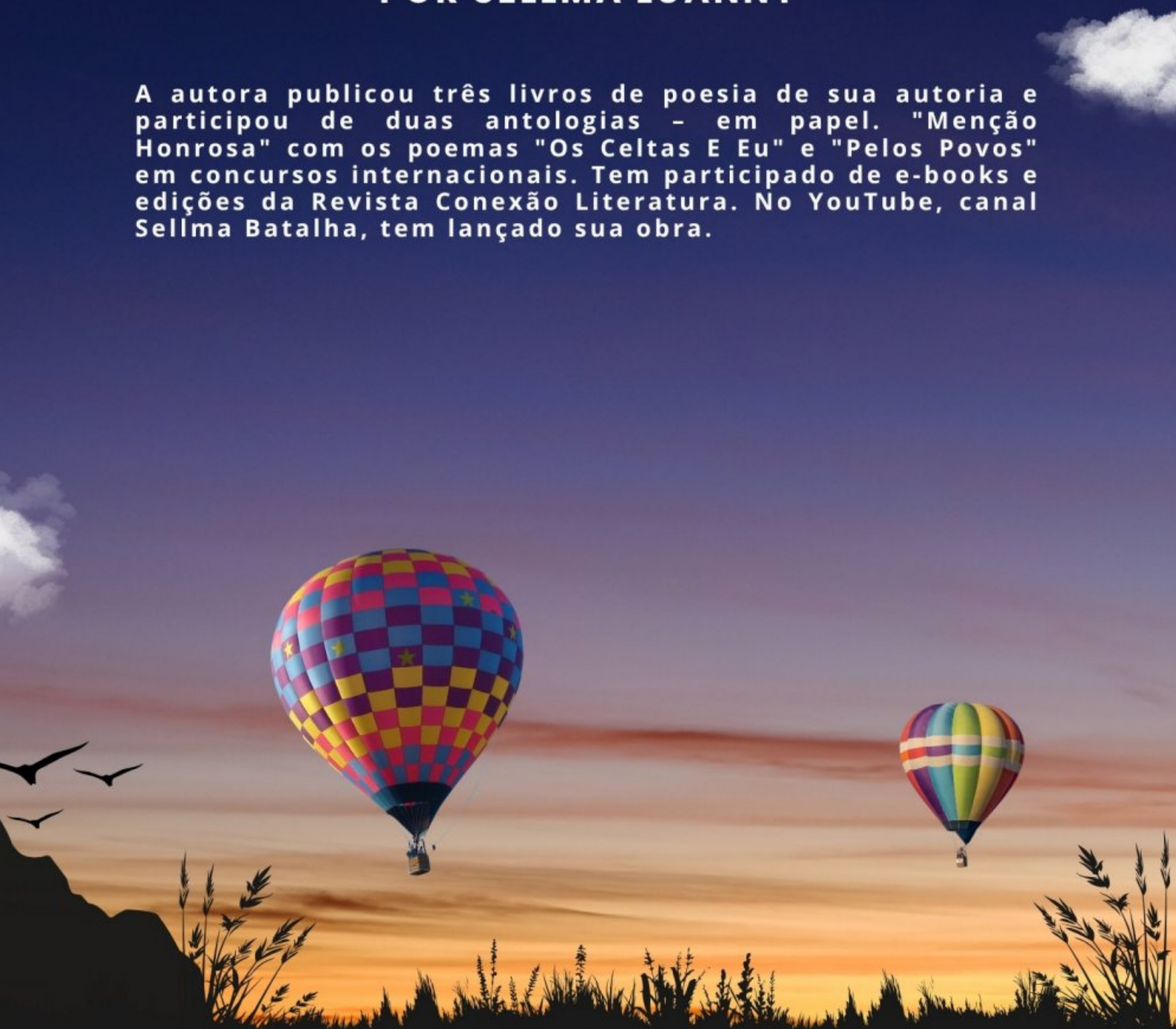


APRESENTAMOS

CADÊ O SONO?

POR SELMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.

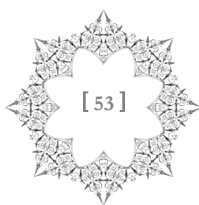


O dia é ido.
A noite chega.
O corpo,
a cama, pede.
A mente, cansada,
espera pelo sono.
Mas, o sono não vem...

O que fazer
se o sono não atende?
Contar carneirinhos
não resulta.
Melatonina
e técnicas para relaxar...
Nada acontece.

Então,
solta-se o pensamento.
À ilusão
dá-se corda.
Liberta-se a mente
até não se dar mais conta.

E o sono chega
de mansinho,
sem avisar.
Fora ludibriado.
E vadiou
até se entregar.



APRESENTAMOS

DUPLA JORNADA **POR TAINAN FABRÍCIO**

Tainan Fabrício, nortista, rondoniense, servidor público e doutor em saúde pública. Encontra na palavra escrita a expressão máxima de existência e a possibilidade de ser na literatura quem não consegue ser no dia a dia. Escreve pra si e, conversando consigo, fala também com o outro.



De dia, ele veste o branco
como quem assume um pacto silencioso
com a dor alheia.

Seus passos percorrem corredores
onde o tempo pulsa em monitores,
e cada gesto seu é um fio
costurando vidas à permanência.

Suas mãos sabem
o peso de um corpo cansado,
a urgência de um suspiro falho,
o cuidado exato entre a técnica e o afeto.
Ele aprende a ler silêncios,
a traduzir olhares,
a sustentar esperanças
mesmo quando elas tremem.

Mas quando a noite cai,
e o mundo desacelera seus ruídos,
ele retorna para si
como quem abre uma janela esquecida.

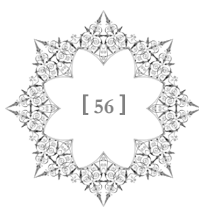
Troca o estetoscópio pela caneta,
o prontuário pelo papel em branco,
e então cuida de outro tipo de vida:
as palavras.

Ali, ele também salva.
Não corpos,
mas memórias,
sentimentos,
fragmentos do que quase se perdeu

no cansaço do dia.

Escreve como quem respira fundo
depois de um turno longo,
como quem precisa existir
além da urgência dos outros.

E assim, entre o pulso e o verso,
entre o cuidado e a criação,
ele segue
enfermeiro de gente à luz do dia,
e, à noite,
guardião delicado
das dores que só a poesia consegue curar.



APRESENTAMOS

CALENDÁRIO **POR TAINAN FABRÍCIO**

Tainan Fabrício, nortista, rondoniense, servidor público e doutor em saúde pública. Encontra na palavra escrita a expressão máxima de existência e a possibilidade de ser na literatura quem não consegue ser no dia a dia. Escreve pra si e, conversando consigo, fala também com o outro.



Ele conta os dias
como quem risca paredes invisíveis,
não por pressa de viver,
mas por urgência de existir.

No espelho, vê um segredo
que o mundo ainda não aprendeu a escutar.
Guarda nos bolsos silêncios apertados,
palavras que não cabem na boca da infância.

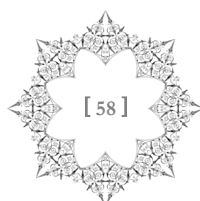
Brinca, ri, corre
mas há um intervalo entre um riso e outro
onde mora um desejo antigo: ser inteiro.

À noite, inventa futuros
como quem acende pequenas luzes no escuro.
Imagina cores que ainda não pode vestir,
nomes que ainda não pode dizer em voz alta,
afetos que sonham com o dia
em que não precisarão se esconder.

Ele não quer apenas crescer
quer desatar os nós do próprio peito,
abrir as janelas do que sente,
respirar sem pedir licença.

E mesmo sem saber,
já é coragem em forma de criança.

Porque há uma liberdade
que começa bem antes do tempo permitir
ela nasce quieta,
no coração de quem,
mesmo em silêncio,
já sabe quem é.



APRESENTAMOS

ACIMA DE TUDO, O BEM **POR THIAGO ZSCHORNACK**

Pós-doutor em Engenharia do Conhecimento pela UFSC, com foco em open innovation, é PhD na mesma área, mestre em Saúde e Meio Ambiente e possui MBAs em Gestão e Transformação Digital, Gestão Financeira e Gerenciamento de Projetos. Tem formação em Engenharia de Produção, Sistemas de Informação, Administração e Ciências Contábeis. Atua como diretor adjunto da SBGC, coordena fóruns e conselhos ligados à gestão do conhecimento e liderança, preside o Instituto Viva Cidade e é gerente de Riscos, Conformidade, Controle Interno e Inovação na Companhia Águas de Joinville. É autor de cinco livros, professor universitário, consultor e mentor em iniciativas de inovação, meio ambiente e qualidade no Brasil e no exterior.



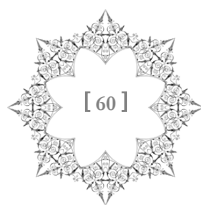
Já vi dor e sofrimento serem justificados,
Em nome de deuses grandiosos e símbolos venerados.
E vi quem nada proclama, sem rótulo ou altar,
Espalhar amor sincero, apenas por se importar.

Já vi gente experiente, de carreira respeitada,
Semear ódio e desprezo ao longo de sua escalada.
E vi gente sem experiência, envolta em hesitação,
Transformar vidas somente com reconhecimento, afeto e inclusão.

Já vi conhecimento e saber servirem à destruição,
Transformando palavras eruditas em arma e munição.
E vi mãos simples, sem livros ou vaidade,
Semear paz e esperança, colhendo humanidade.

Já vi poder e riqueza comprarem injustiça e coerção,
Levando inocentes à miséria, à dor e à submissão.
E vi nomes humildes, anônimos e desprovidos de ambições,
Libertarem com coragem e bravura vidas e gerações.

Aprendi que a boa ação, quando nasce do coração,
Está acima de poder, conhecimento ou religião.
Aprendi que praticar o bem é uma linguagem universal,
Capaz de atravessar o tempo, romper fronteiras, e tornar-se imortal.



APRESENTAMOS

AMOR QUE SE FAZ POR YOUSSEF BOUGUERRA

Youssef Bouguerra nasceu na Tunísia, vive no Brasil e já morou em diferentes países e cidades ao longo da vida. Sua escrita transita entre autobiografia, errância e ficção existencial, explorando temas como identidade fragmentada, pertencimento e deslocamento cultural.



Amar, verbo transitivo direto
Sem vergonha, sem medo
Verbo transitório
Transigente, mexe com a gente
Com o amor que se faz

Amor que transborda
Bom dia ofegando quando toca
Longas conversas translúcidas
Conto meu segredo me conta o teu
No amor que se faz

Amor que transcende
Alma em transe corpos transpirando
Vem me visitar em Montenegro
Pele arrepiada
Com o amor que se faz

Amor que transporta
Ao inferno, ao buraco negro,
Transgride nosso pacto de lealdade.
Cego, vejo-me traíndo
O amor que se faz.

Amor que transita
Do beijo pro soco
Rato de laboratório cachorro
Obedeça ou morra
Amor que se faz

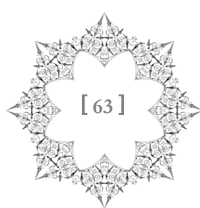
Amor que transfigura
Que se faz de bobo

Viva no meu mundo cego
Cuidado eu sei teu segredo
Do amor que se faz

Amor que transmuta
Paixão em angústia orgulho em miséria
Foi pro hospital adeus
A culpa é tua
Amor que se faz

Amor que transfixa
Volta pros meus braços
Aparece do nada é tudo
Menos transparente
Amor que se faz

Amar verbo definitivo
Apaga essa vergonha
No lugar de transar
Faça amor
Aquele amor que não se faz mais



APRESENTAMOS

PASSAGEIRO

POR JAFF SILVA

Jaff Silva (pseudônimo de Jafferson Kamphorst Leal da Silva) nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física. Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG. Tem publicado digitalmente nas Antologias e nas Edições da Revista Conexão Literatura. Em fevereiro de 2025, publicou de forma independente o seu primeiro livro de poesia, "Versos Sem Dó", na Amazon-BR via a plataforma KDP (link: <https://www.amazon.com.br/dp/B0DY31Y1V4>). Ele escreve seus poemas em português e os traduz para várias línguas. Gosta de criar vídeos e músicas com o auxílio de plataformas de Inteligência Artificial. Vários REELS e Poemas Musicais estão disponíveis no Facebook (link: <https://www.facebook.com/jaffersonkamphorstleal.dasilva>), no Instagram (@jaffkamphorst), no Youtube (@Jaffkamphorst) e em quase todas plataformas de músicas (Spotify, YouTube, Tidal etc.).



A chuva é calma e amena
E o carro anda no trânsito.
Luzes dos carros em cena
Criam um compósito

De reflexões da chuva
no para-brisa e no asfalto.
O carro é um guarda-chuva
E o senso de proteção é alto.

O batucar dos pingos no teto
É uma canção de ninar
O limpa para-brisa é discreto
No seu vai e vem de dissipar

A opacidade do chuvisco.
Na janela, o sopro do vento
Alinha os pingos em risco
Num mosaico sonolento.

Sem querer, eu adormeço
No banco de passageiro
Chuva e carro são o acesso
A esta paz de viajero.

O carro dá uma freada
E eu sonho com uma mulher
E nesta ida desenfreada
Ela vê um menino qualquer

Que tem um sonho exótico:
Está no útero da sua mãe

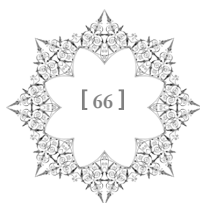
E flutua no mar amniótico
Desde a célula-mãe,

Numa escuridão absoluta
Numa paz perfeita.
Lá dentro, o bebê chuta
E a conexão é desfeita.

Em paz comigo mesmo
Acordo e olho a esmo.
Vejo a casa em guache
E, como é de praxe,
Pago e desço do táxi.

Saio de meu sonho efêmero
Da experiência primordial
Do aconchego com esmero
Que usufruímos na fase fetal.

**OUÇA A MÚSICA PASSAGEIRO, POR JAFF SILVA:
CLIQUE AQUI**



CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO
CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO
AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO:

CLIQUE AQUI



FIQUE POR DENTRO DO
MUNDO DOS LIVROS!



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA



SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA



INSCREVA-SE:
[WWW.YOUTUBE.COM/
CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)



E-MAIL:
ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG



**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS.
LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO:**

CLIQUE AQUI